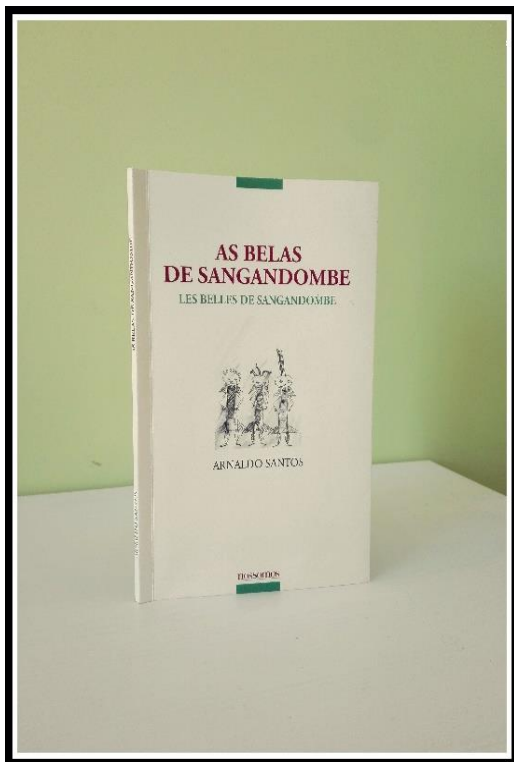


As belas de Sangandombe. Les belles de Sangandombe, de Arnaldo Santos

Ana T. Rocha



Publicado o mês passado pela editora NÓSSOMOS, o livro *As belas de Sangandombe*, de Arnaldo Santos reproduz, nesta edição bilingue (homenagem assumida ao tradutor e amigo Michel Laban), os poemas “escondidos” no romance *A casa velha das margens* (1999).

O modesto volume (45 páginas) é todo ele a manifestação de reconhecimentos e afetos. Pretende-se o resgate de histórias, memórias e estéticas. A tal desejo junta-se a participação de Francisco Soares através da exposição de um excerto do seu ensaio “Kuxixima, poeta ardente” com a qual o livro

principia.

Intercalados sempre por desenhos do editor, os poemas merecem, de facto, esse cuidado na organização e apresentação do conteúdo, pois cada um deles se distingue esteticamente sendo útil destacar o poema “As belas de Sangandombe” dos seguintes (mais modernos e menos quimbundos) “Desterro do ambaquista” (“*Exil de l’ambaquiste*”) e “Na outra margem” (“*Sur l’autre rive*”).

O primeiro poema lembra as cantigas orais, não apenas pelas repetições, anáforas, ritmo, rimas e “refrão”, que ajudam na memorização e na transmissão não escrita, mas, de igual forma, pela temática amorosa e sua expressão em tom de lamento acusatório, que vai ao longo do poema enriquecendo o canto com informações que ultrapassam o sujeito poético e o recetor e apontam um coletivo, seu tempo, espaço e costume.

Os poemas “Desterro do ambaquista” e “Na outra margem” aproximam-se formal e tematicamente na revelação de um sujeito incapaz de uma autorreflexão que exclua o espaço.

Mais uma vez a editora afirma a sua linha e liberdade.

